

8 Julho 1945

Uma sugestão inteligente

126

«Com a doutrina defendida nos artigos concordo inteiramente. Concorde, sim, com o conceito que defende que deve ser o Trabalho a alugar o Capital e não, como até hoje, o Capital a alugar o Trabalho; concordo com a regra que fixa que devem ser as leis sociais a estabelecer as leis económicas.

«Sou, no entanto, um dos chefes de uma Empresa que, ainda que modesta, emprega já mais de uma centena de operários. Todavia, dentro do magno problema social há uma faceta que urge focar e começar a resolver: o problema da educação cívica do nosso operário. É necessário prepará-lo para saber receber os benefícios de ordem económica.»

Esta carta de um industrial do Porto veio no momento oportuno. E a sua observação ainda mais oportuna se manifesta.

Efectivamente a grande objecção apresentada contra a doutrina social cristã tem sido sempre a mesma, isto é, a incompetência dos operários. Como poderão eles assumir as grandes responsabilidades de direcção nas empresas e, sobretudo, participar com acerto na direcção da economia nacional, se a grande maioria é quasi analfabeta e raros serão aqueles que tenham estudado os problemas económicos?

No número de 20 de Abril do jornal «O Trabalhador», tratando deste mesmo assunto, escreviamos: «a grande objecção de que os operários não estão preparados para assumir esta responsabilidade, não colhe. É necessário prepará-los, É necessário formar chefes e dirigentes, instruir, elevar-lhes o nível intelectual, porque os operários são homens com inteligência capaz de grandes coisas.»

Bem examinadas as causas, o problema social começou a existir no momento em que se tornou possível a proletarização dos pequenos artistas, no momento em que perderam a posse dos instrumentos do seu próprio trabalho e passaram como que a vender apenas a sua força produtora. Desde este momento, ficaram sujeitos à concorrência dos mercados, a sua capacidade de trabalho foi avaliada pelo respectivo rendimento económico, e o trabalho passou a ter um valor puramente mercantil. A descoberta do maquinismo veio substituir o trabalho manual e lançar no desemprego imensa quantidade de operários. Estes, acosados pela fome, fizeram concorrência aos seus companheiros de infortúnio, fazendo baixar os salários. Houve então necessidade de mandar trabalhar mulher e filhos para se obter um suplemento de salário — situação que o capitalismo soube não só aproveitar, mas também explorar, para diminuir o custo da produção e assim bater a concorrência nos mercados.

Mas com a mulher nas fábricas, os filhos pequenos nas oficinas e escritórios, tornou-se absolutamente impossível a educação e instrução das novas gerações, que aliás o trabalho, excessivamente mecânico, ia brutalizando. Surgiu assim na sociedade uma classe nova, cada vez mais numerosa, de atrasados não só sob o ponto de vista material, mas sobretudo sob o aspecto intelectual e moral.

Esta classe, impossibilitada, por falta absoluta de meios, de se regenerar, sujeita, em gerações sucessivas, às mesmas condições de vida inferior, foi, pouco a pouco, como que recuando, de que tem procurado sair através de inúmeros esforços seus e de alguns Estados concededores do perigo e da injustiça duma tal situação.

Não pode afirmar-se, portanto, que o operário é incapaz de assumir as responsabilidades que lhes queremos dar. Se com a actual geração isso é pouco mais ou menos verdade, pode não o ser com a geração seguinte. Basta, para isso, que se tomem as medidas necessárias para a elevação

intelectual, moral e cívica da classe trabalhadora.

E é por aqui que se resolve a questão social.

Tão evidente se apresenta o problema e a sua solução, que parece incrível tão poucos dos que se preocupam com a paz social o terem ainda visto. Bem sabemos que muitos são levados a considerar a condição proletária como indispensável à vida social. E até os próprios, que pretendem aplicar a justiça à classe operária pela força, não se isentam deste gravíssimo erro, preconizando que o homem passe a depender apenas do Estado e da produção nacional, embora com uma paga mais equitativa. Temos de reagir contra uns e outros.

Não convém a alguns que o operariado se eleve social e intelectualmente, para evitar que possa um dia fazer valer a sua competência técnica e intelectual para tomar parte na administração, gerência e direcção da economia? Mas essa «não conveniência» é injusta, e urge, portanto, passar à frente de tais interesses ilegítimos. Acima de tudo, o operário é um homem dotado de inteligência como qualquer outro; simplesmente não está dotado dos meios indispensáveis de fazer render os seus talentos.

O problema não se resolve dando facilidades aos mais capazes de ascenderem às universidades e aos postos de comando. Com isto apenas se retiram da massa operária os seus melhores valores para os entregar a outras classes, com as quais depressa se confundem. O que importa é elevar o conjunto da massa trabalhadora, dar-lhe possibilidades de fazer subir o seu nível intelectual geral, constituindo as suas próprias «élites».

No dia em que tal se realizar, já se torna possível fazer reinar na vida social a justiça, e, na vida económica, a verdadeira jerarquia dos valores.

ABEL VARZIM